



# Corpo -Fumo

Curadoria: Coletivo Tarimba

**Juliana Matsumura**

**8-27 abril**

Espaço Cultural das  
Mercês

→ a água estava apenas sugestionada

Mimóias da Água  
50+2020

Fluxo de Simgações

elemento  
ÁGUA

→ simbólica +  
sugestão através das formais

+

AR

→ vento  
→ viduo e dentro a movimentação

+

FOGO

→ peças pretas / queimadas

+

TERRA

→ o que há para aguar

↓  
literalmente presença de terra  
+  
simbólica da terra

"da onde viemos  
para onde vamos"

→ "mãe" / ancestralidade

purificação

coerência

fluidez cídica

renovação

destruição

renovação

dódiva / ofurde

- vela
- foguete
- periferia

Inspiração  
comadas

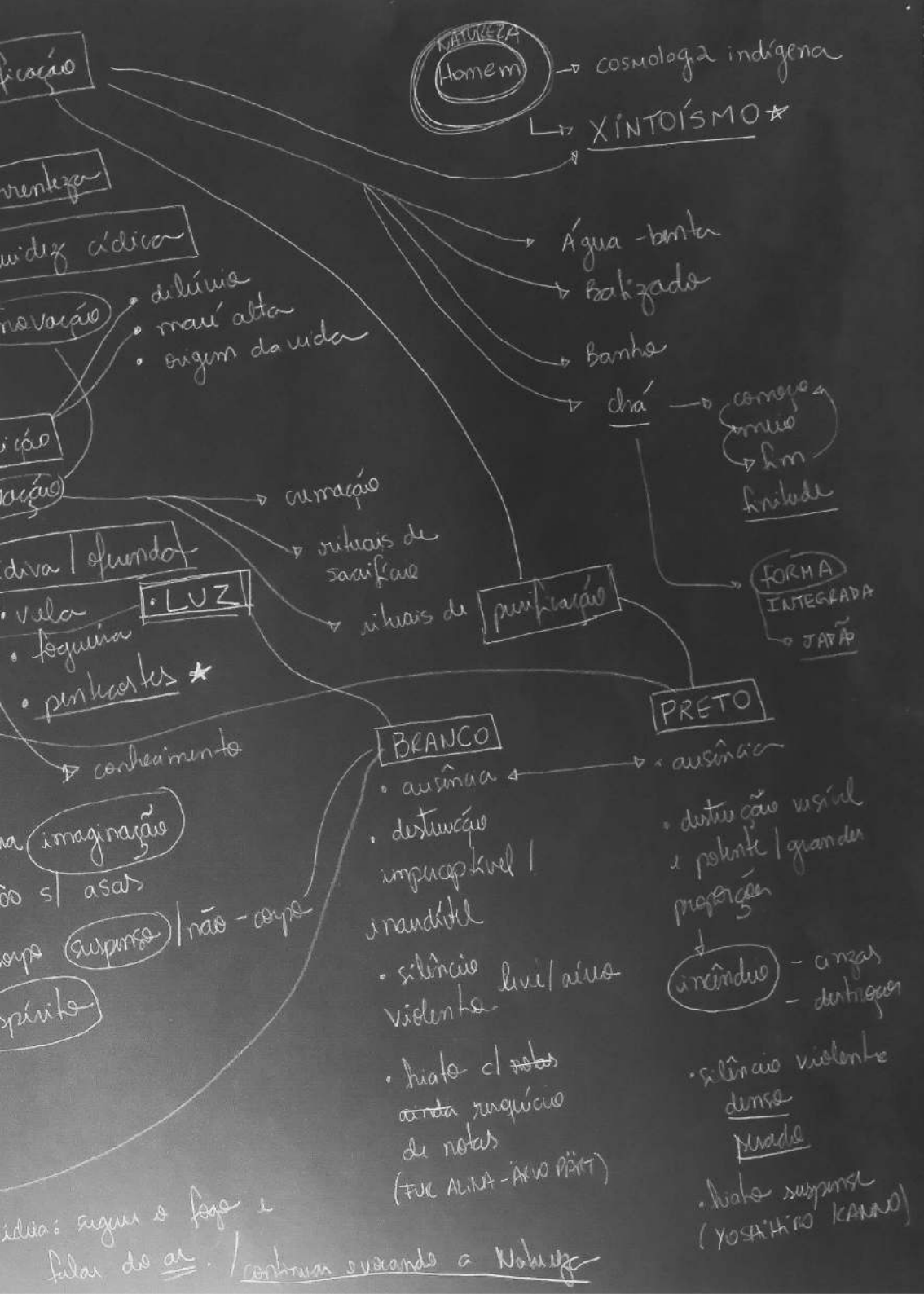
para imaginação

vão s / asar

corpo suspenso

espírito

idua: seguir e  
falar do



NATUREZA  
Homem

cosmologia indígena

XINTOÍSMO\*

Água - banha

batizada

banha

chá

começo  
meio  
fim  
finalidade

FORMA INTEGRADA  
JAPÃO

purificação

curação

rituais de sacrifício

rituais de

PRETO

BRANCO

ausência

distinção impalpável / inaudível

silêncio leve / silencioso

hiato cl...  
...  
...  
...  
(FUE ALINA - APO PÄKT)

ausência

distinção visível e polente / grande propagação

incêndio - arcos - dentiques

silêncio violento denso

hiato suspense (YOSHITAKO KANNO)

LUZ

ficção

rankings

vidas cíclicas

novação

- delívia
- mau' alta
- origem da vida

ação

ação

diva / profundo

- vela
- foqueira
- penhascos \*

conhecimento

imaginação

asas

surpresa / não-ocorre

espírito

ideia: seguir e fugir e

falar do ar / continuam ouvindo a Natureza

Imagem da capa: **Corpo-Fumo, 2019**  
monotipia s/ papel

Imagem da guarda: **Mapa mental de Juliana Matsumura  
para concepção da exposição, 2021**  
grafite s/ papel

# Corpo-Fumo

Exposição individual de Juliana Matsumura

Curadoria de Coletivo Tarimba

Realizada no Espaço Cultural Mercês  
Lisboa | Abril 2021



Corpo -Fumo

# Intro



# dução

A riqueza estética do trabalho de Juliana Matsumura apreende o olhar de imediato. A complexidade das linhas, as fronteiras construídas entre as tonalidades e as sobreposições provocadas pelo emprego de diferentes materiais são o convite perfeito para conhecer melhor o universo dessa que é uma das artistas mais completas e multidisciplinares que o Coletivo Tarimba teve a oportunidade de colaborar. A diversidade dos materiais e técnicas trabalhadas em diferentes linguagens como a gravura, o vídeo, a instalação e a fotografia dão forma a um complexo corpo de ideias que exploram as intersecções criadas pelo encontro de dualidades.

Quais são os pontos de passagem entre o material e o espiritual, entre o natural e o artificial? O que acontece no limite entre memória e esquecimento, entre a luz e a escuridão, entre o início e o fim? O trabalho de Juliana Matsumura convida-nos a refletir sobre transmutações inevitáveis, sobre a impermanência das coisas e da vida, evocando relações entre temas como a natureza, a espiritualidade e a ancestralidade.



# Sumário

Coletivo Tarimba

Juliana Matsumura

Texto Curatorial -  
"Diante de um  
Ouroboros"

Corpo-Fumo

Lista de Obras

Créditos

# Coletivo Tarimba

O Coletivo Tarimba é um coletivo de arte fundado em Lisboa em 2018 por oito mulheres que trabalham nas áreas das artes e humanidades. A Tarimba nasceu do desejo de promover e expor o trabalho de artistas e curadores emergentes no mundo da arte contemporânea em Portugal e além-fronteiras, envolvendo colecionadores e investigadores. A Tarimba trabalha em parceria com espaços independentes e institucionais para promover exposições e eventos e possui um programa social que envolve e inclui a comunidade local em todas as atividades promovidas.

# Juliana Matsumura

Juliana Matsumura (Mogi das Cruzes, 1993) é artista nipo-brasileira. Concluiu o Curso de Desenho do Ar.Co (2017), tendo frequentado a Licenciatura em Design Têxtil e de Moda da Universidade de São Paulo. Atualmente participa do grupo de acompanhamento crítico em arte contemporânea NowHere e é membro do grupo de práticas focadas em desenho contemporâneo Risco Coletivo.

O desenho é o principal meio de expressão, mas também desenvolve pesquisa em instalação e vídeo. Das exposições que participou destacam-se: GRÃO – Residência Artística na Antiga Capitania de Aveiro (2020); Surgit (individual) no NowHere; Mostra Jovens Criadores 2018 na NOVA SBE, Carcavelos (2019); Evocatório na Galeria MUTE, Lisboa (2018); Platform for Emerging Arts #18 na Leyden Gallery, Londres (2018) e Encontros do Olhar no Instituto Tomie Ohtake, São Paulo (2016). Vive e trabalha em Lisboa.

# DIANTE DE UM OUROBOROS

Em “Elogio da Sombra”, o autor japonês Junichiro Tanizaki reflete sobre o lugar estético e cultural da sombra na cultura do seu país. Enquanto no Ocidente contemporâneo existe uma busca excessiva pela luz, pela verdade última e definitiva, para os japoneses é a sombra que permite a observação mais verídica da realidade. Tanizaki diz que aquilo que chamamos ‘beleza’ deve sempre crescer a partir das realidades da vida. Seus ancestrais, forçados a viver em quartos escuros, descobriram a beleza nas sombras; descobriram uma forma de guiar sombras em direção àquilo que é belo. Sendo assim, a luz é apenas uma intermediária entre o visível e o invisível. É justamente a sombra, o lugar fronteiro onde há condições propícias para a experiência de uma verdade que não é absoluta.

A luz sempre esteve associada à verdade. Se hoje é associada ao pensamento científico, para os medievais a luz era, nas palavras de S. Tomás de Aquino “a matéria imaterial, portanto a mais próxima de Deus” (Aquino, De Aeternitate Mundi, 1976). Dicotomicamente, a escuridão é frequentemente associada ao oculto, ao profano, ao desconhecido. É nesse sentido que prevalece a máxima de que a consciência pode retratar algo sem representar algo real de fato: a sombra, a penumbra, é a interseção onde há flexibilidade para acomodar diversas visões de mundos e saberes - enfatizando os ancestrais e os da natureza.

Na prática artística de Juliana Matsumura observamos não a busca pela forma concreta, definitiva, mas sim a vontade de explorar a potencialidade das suas incertezas: a sombra, produto de dois opostos; a desconstrução do círculo, símbolo do todo e da perfeição; a própria busca por uma ancestralidade espiritual. No seu trabalho, Juliana subtilmente cria a possibilidade para que essas incongruências existam, seja pela forma e materiais que usa para trabalhar a luz - os tecidos, a folha de ouro, a escolha dos papéis Thai Bamboo e Thai Mulberry, que propiciam maior retenção de luz, ao invés de refleti-la -, da deformação de formas perfeitas - linhas e círculos -, ou da criação de um espaço devaneante para representar a transmutação através de símbolos ancestrais e da espiritualidade.

As fronteiras circunscritas e posteriormente expandidas são evidenciadas pela perspectiva formal, mas também em movimento-reflexo da própria criação das obras - seja ao pensar a palpabilidade da criação que ocorre na junção da prensa aos plásticos, desperdícios têxteis, tintas e suportes que vão dos mais fluidos aos mais densos, seja ao elucidar o formato das ideias, da consciência e da conseqüente busca pela ascensão espiritual baseada na ideia, circular, de um ciclo sem início nem fim identificáveis que, eventualmente, segue para uma expansão à luz de uma metáfora do próprio universo.

Uma “linguagem ao infinito” - como é a literatura para Foucault - é aqui o papel da monotipia para Juliana Matsumura (Foucault, Linguagem e Literatura, 2000, pp. 155). Da arte que reflete o processo de exterioridade, que delinea os círculos e as margens aos que vai extrapolar, num processo de ocupação do

território de fora, do território do fogo que se contrapõe ao ideário instituído de ser-se apenas o que é visível e que se fecha nos limites do corpo físico.

A passagem do corpo físico para o plano espiritual é representada aqui pelo Butsudan, que pode ser explicado como um pequeno “altar ancestral” ou “altar Budista” em formato de caixa. Presente nas casas japonesas, é usado para rituais familiares que, feitos de forma mais intimista, cultuam a vida e a morte. A memória dos ancestrais é lembrada e honrada pelos vivos, que pedem proteção, saúde e conforto. Em *Corpo-Fumo*, a obra *Interlúdio* representa a transmutação humana através do “desconhecido”, da ancestralidade, que se expande em diferentes cosmovisões. Nessa trajetória, a referência aos quatro elementos surge não como matéria-prima, mas sim como uma conexão entre a natureza e a espiritualidade primordial que amplificam a visão do humano em várias culturas.

Ao mesmo tempo escuta-se o ar vibrátil que confere à obra um corpo novo. Este é um som que envolve e desvanece, a “ressonância fundamental,” que escrevia Jean-Luc Nancy em *Corpus* (Nancy, *Corpus*, 2006, pp. 121-122). Com atenção redobrada ao tempo dos silêncios não absolutos e das proposições contingentes, ecoam galhos em surdina na cavidade do ouvido de quem escuta.

As sensações e possibilidades de leitura expandem-se ainda nesta exposição com o estímulo da exploração intuitiva e aflorada pelos demais sentidos e dá vazão, construída a partir de uma ambiência que flerta com o onírico,



a multitude de conceitos pensados e referidos por Juliana nesta fase que se identifica como a mais madura da sua produção. O suporte é o órgão acumulador da memória, que perdura - num gesto palimpséstico - como sistematizador da incapacidade de esquecimento, dos pensamentos e gestos que ficam no inconsciente e podem voltar a qualquer momento, uma vez que existiram e deixaram ali as suas marcas.

A obra *Corpo-fumo*, assim como as obras da série *Rocha Ígnea*, carregam em si as marcas que escorrem como de um esvaziar do inconsciente, em veios esculpidos através do tempo, como a água faz às rochas. É como se, num gesto tarkoviskiano de arar e cultivar a alma através da arte, retratasse a singularidade dos momentos gravados na memória, pois, como refere o cineasta russo no seu livro *Esculpir o tempo*, esta “singularidade é como a nota dominante de cada momento da existência (...). O artista, portanto, tenta apreender esse princípio e torná-lo concreto, renovando-o a cada vez; a cada nova tentativa, mesmo que em vão, ele tenta obter uma imagem completa da Verdade da existência humana” (Tarkovsky, *Esculpir o tempo*, 1998, pp. 122).

O espiritual encontra-se com o meio físico. Nesse encontro imagético revela-se a expansão do universo de corpos simples, como aponta Louis-Auguste Blanqui, o “infinito no seu conjunto em cada uma das suas frações” (Blanqui, *A eternidade pelos astros*, 1872). Este corpo de trabalho, de facto, convida a refletir sobre transmutações inevitáveis, sobre a impermanência da vida, evocando relações entre temas como a natureza, a espiritualidade, a ancestralidade e gestos de eternidade. Questionam-se pontos de passagem entre o material e o espiritual, entre o natural e o artificial.

Interrogam-se os acontecimentos no limite entre memória e esquecimento, os enigmas entre a luz e a escuridão, os movimentos entre o início e o fim do universo, da vida e da humanidade.

Estes encontros e reencontros na obra de Juliana Matsumura fazem-se através da acumulação de formas e gestos naturais ao corpo e espírito humano. Vem à memória o poema puro do jovem Arthur Rimbaud em 1872: “De novo me invade. / Quem? - A Eternidade.”

Coletivo Tarimba

Corpo

—

Fumo



**Juliana Matsumura** *Manto de Fogo #1 & 2* 2021



O material transparente ou a transparência dos materiais me agrada pela possibilidade de evocar a ideia de película, de pele temporária ou de passagem. Uma existência entre, entre dois lugares, entre dois mundos, entre dois estados da matéria. Por isso as furnas dos Açores me encantam, a água em ebulição na terra, ou os dias de nevoeiro sobre o Rio Tejo visto da Ponte 25 de Abril. Também porque a névoa, o vapor ou o fumo trazem uma atmosfera de sonho, de irrealidade, de tempo pausado ou de imaginação. Agora que penso nisto, a minha série “Andar como as nuvens andam” (2017) passa um pouco por esta lógica, a nuvem como forma sem forma, que se transmuta o tempo todo e não se define nunca - a impermanência. Nas palavras de Marcelo Costa, um dos meus professores do Ar.Co e também artista, pareço trabalhar sobre “a forma do adiamento” similar à da água. Acredito na abertura, na inconstância, na mudança, na infinita dúvida e na infinita busca.

Juliana Matsumura, 01.2021







Juliana Matsumura *Janela #2* 2019

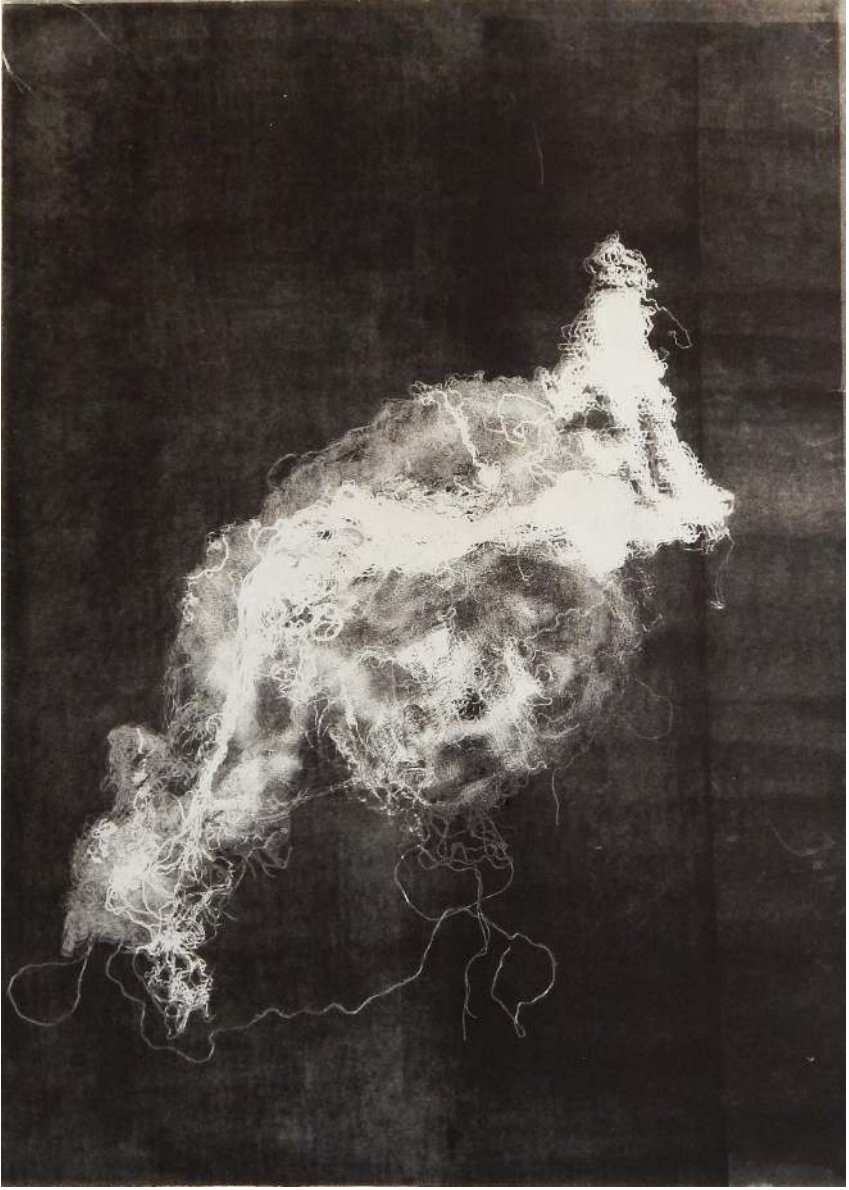




Foto: Cortesia da artista

*Janela #2 2019*





Juliana Matsumura *Corpo-Fumo* 2019



**Juliana Matsumura *Interlúdio* 2019**

An abstract painting featuring a vertical composition. The upper portion is dominated by a vibrant, textured gold leaf or paint application, which appears to be peeling or layered over a darker, charcoal grey background. Below the gold, the background transitions into a lighter, more ethereal grey, with visible brushstrokes and a sense of depth. The overall mood is contemplative and layered.

Surgit

Era deserto.  
Queria ver.

Experimentar nos meus olhos  
a chama.

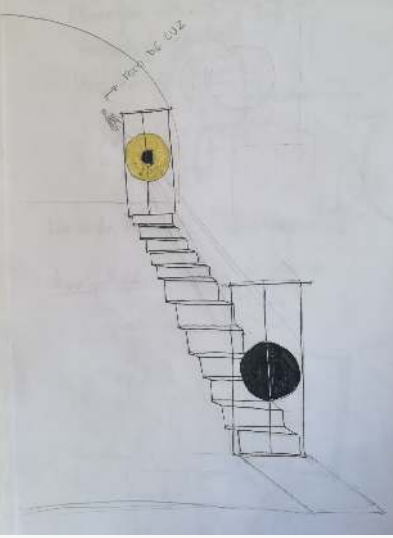
O rio-correnteza que nos atravessa  
Colher na noite o peso iluminado

Tocar a sua ausência  
através da luz.

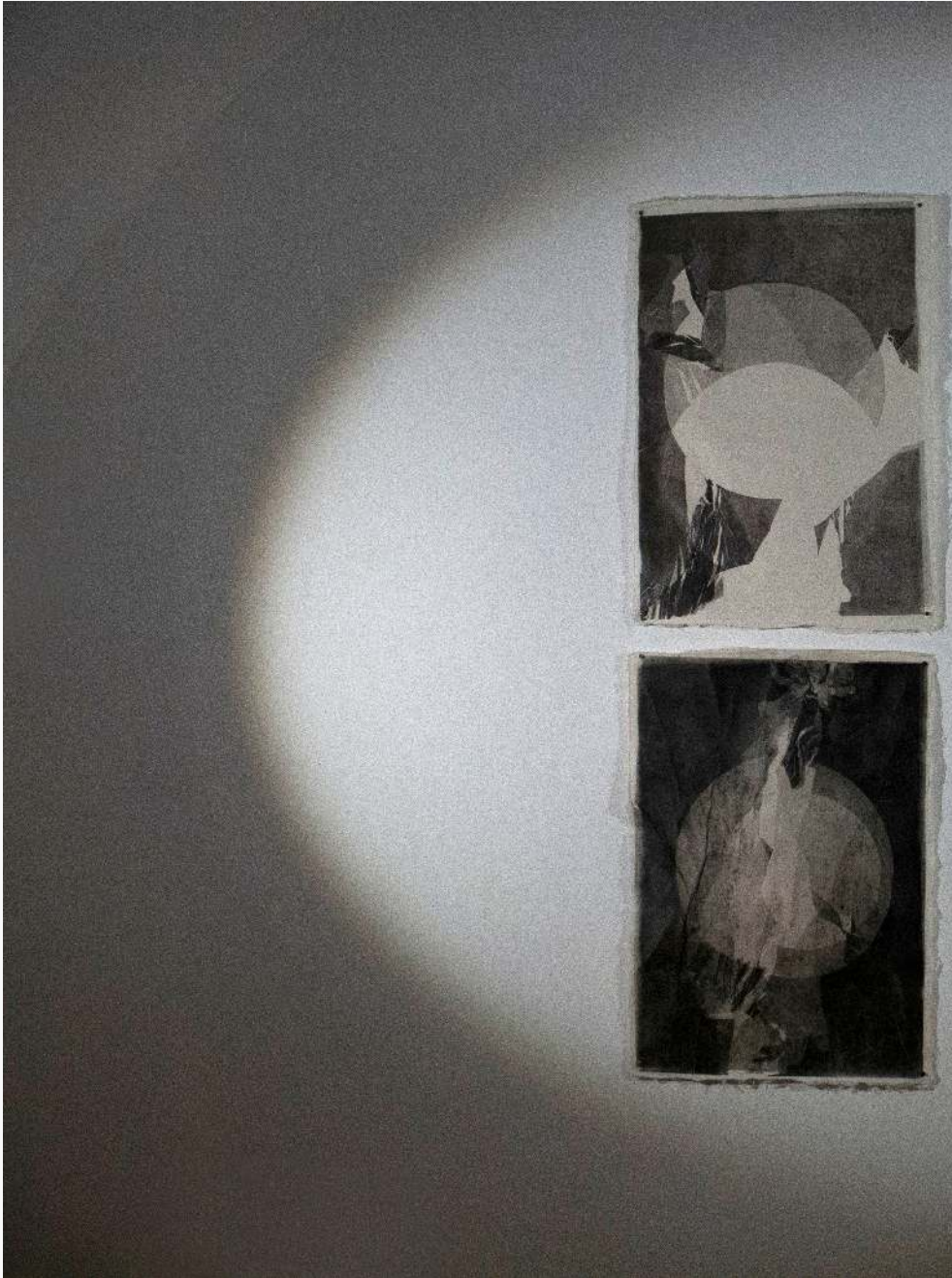
E revelar,  
O dia.

Rio-incandescente.

Juliana Matsumura, 01.2020





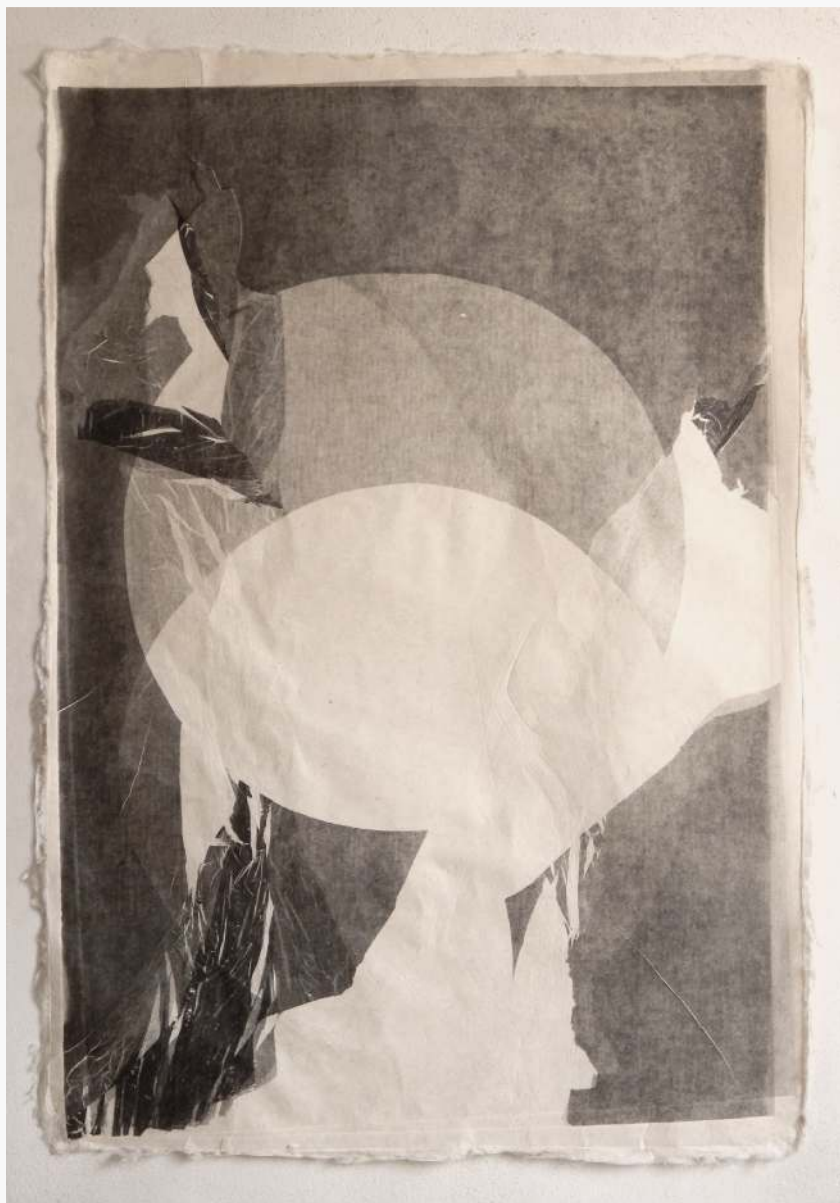


**Juliana Matsumura**





*série Rocha Ígnea 2021*



*Rocha Ígnea #8 2021*



*Rocha Ígnea #9 2021*



*Rocha Ígnea #10 2021*

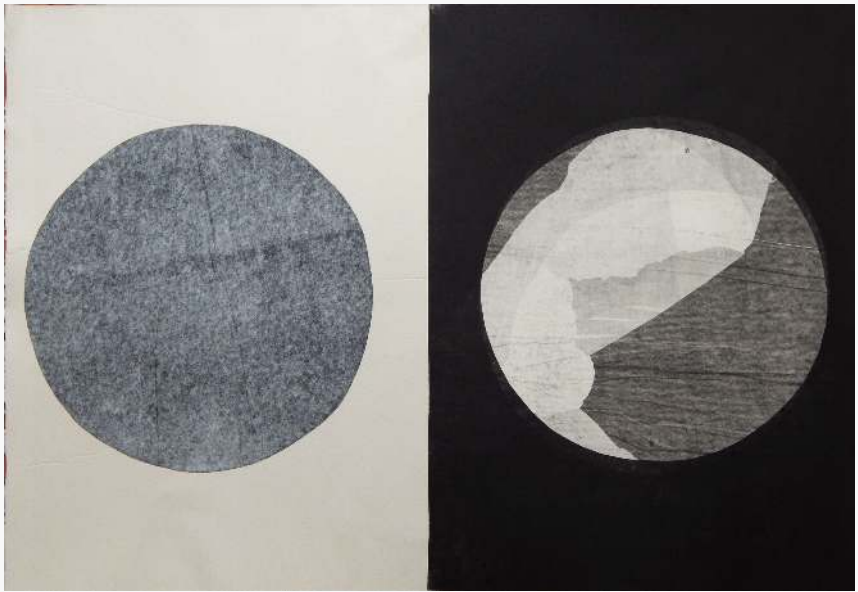


*Rocha Ígnea #7 2021*

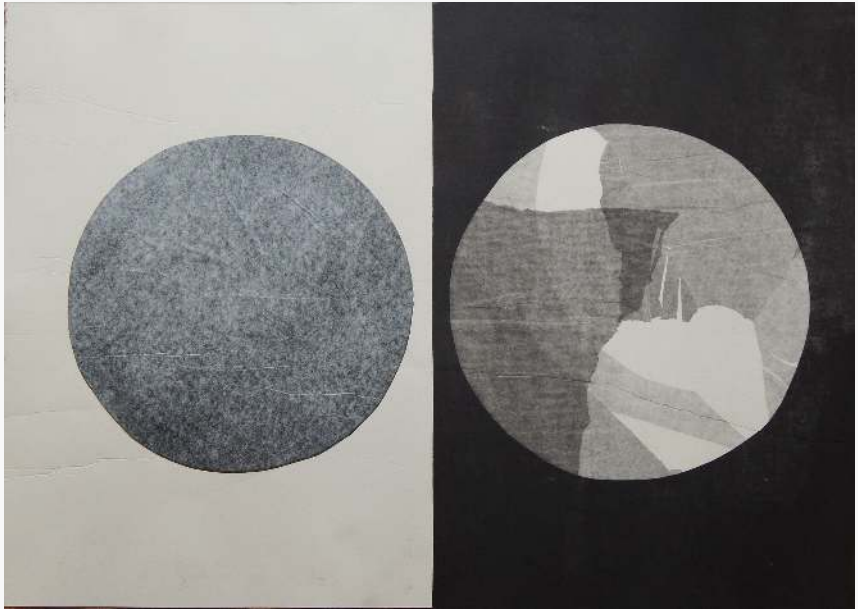


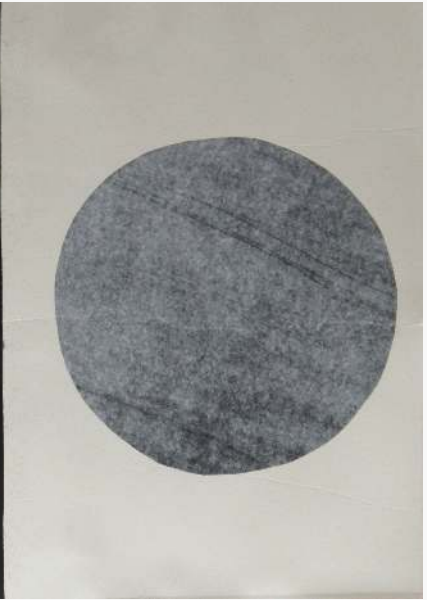
Juliana Matsumura *Multicosmos* 2020

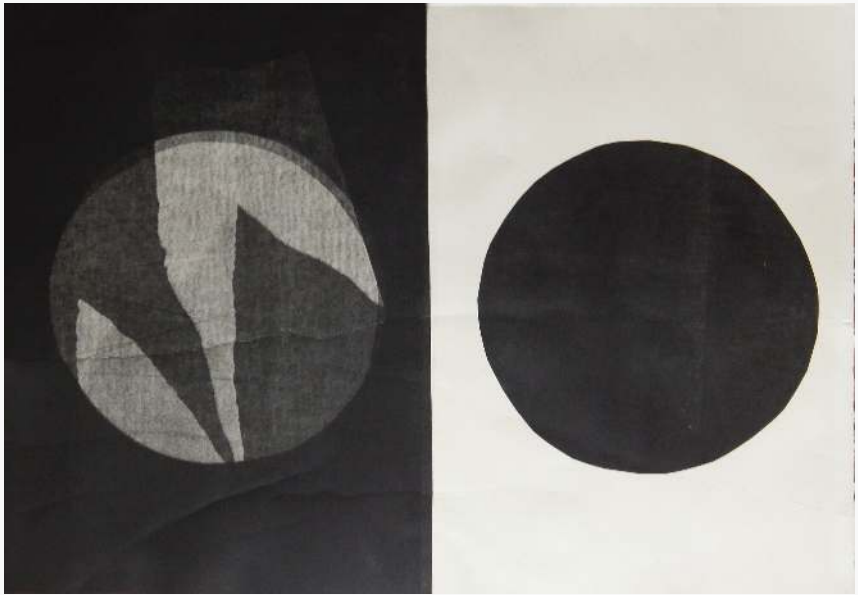














40 noites

É um buraco cheio de luzes fosforescentes  
brilham, brilham  
flutuam no escuro  
os sinais de dores passadas, de tempos feridos  
de feridas chuvosas  
Caí tantas vezes, chovi incessantemente  
Caí. Depois de erguer uma montanha em chamas.  
Caí.

Juliana Matsumura, 08.2019



Foto: Cortesia da artista

**Juliana Matsumura** *Genealogia* 2019





# Lista de Obras

**Manto de fogo #1&2, 2021**  
*madeira, linha de algodão e*  
*monotipias sobre compressas*  
dimensões variáveis

**Janela #2, 2019**  
*impressão Fine Art em papel*  
*de algodão*  
2 trabalhos de 40 x 30  
edição 1/2

**Corpo-Fumo, 2019**  
*monotipia sobre papel*  
60 x 42 cm

**Interlúdio, 2019**  
*madeira, tinta acrílica, ramos,*  
*objeto em papier maché e*  
*folha de ouro*  
dimensões variáveis

**Rocha Ígnea #8, 2021**  
*monotipia sobre papel de*  
*bambu tailandês*  
100 x 70 cm

**Multicosmos, 2020**  
*monotipia e colagem sobre*  
*papel Fabriano Rosaspina*  
9 trabalhos de 60 x 42 cm

**Genealogia, 2019**  
*cartão, madeira, folha de ouro,*  
*galhos e luzes*  
dimensões variáveis



# Créditos

## **Curadoria e Produção**

Coletivo TARIMBA

## **Apoio Produção**

Espaço Cultural Mercês / Francisco Duarte Coelho

## **Textos**

Juliana Matsumura

## **Catálogo**

Coletivo TARIMBA

## **Fotografias**

Cortesia da Artista / Andreia Custódio e Luísa Feio (Núcleo F)

# Agradecimentos

Este projeto nasceu a partir da colaboração entre a artista, Juliana Matsumura, e o Coletivo Tarimba - convidado pela mesma para produzir a curadoria da sua primeira exposição individual. Este marco não seria possível sem as parcerias que conseguimos estabelecer pelos recantos do Príncipe Real, em Lisboa.

Foi essencial termos podido contar com esta parceria estabelecida entre a artista e o Espaço Cultural das Mercês, que cria condições para que tantos artistas, como a nossa Juliana Matsumura, consigam habitar espaços tão potentes na esfera cultural portuguesa. Pelo apoio e companheirismo, o nosso muito obrigada ao Francisco Duarte Coelho, galerista do espaço. Agradecemos também à Andreia Custódio e à Luísa Feio, do Número F (Núcleo de Fotografia da ESCS), pelas fotografias presentes neste catálogo.



→ a água estava apenas sugestionada

Mimóias da Água  
50+2020

Fluxo de Simgações

elemento  
ÁGUA

→ simbólica +  
sugestão através das formais

+

AR

→ vento  
→ viduo e/ dentro a movimentação

+

FOGO

→ peças pretas / queimadas

+

TERRA

→ o que há para aguar

↓  
literalmente presença de terra  
+  
simbólica da terra

"da onde viemos  
para onde vamos"

→ "mãe" / ancestralidade

purificação

coerência

fluidez cíclica

renovação

destruição

renovação

dódiva / ofurda

- vela
- foguete
- periferia

Inspiração  
comadas

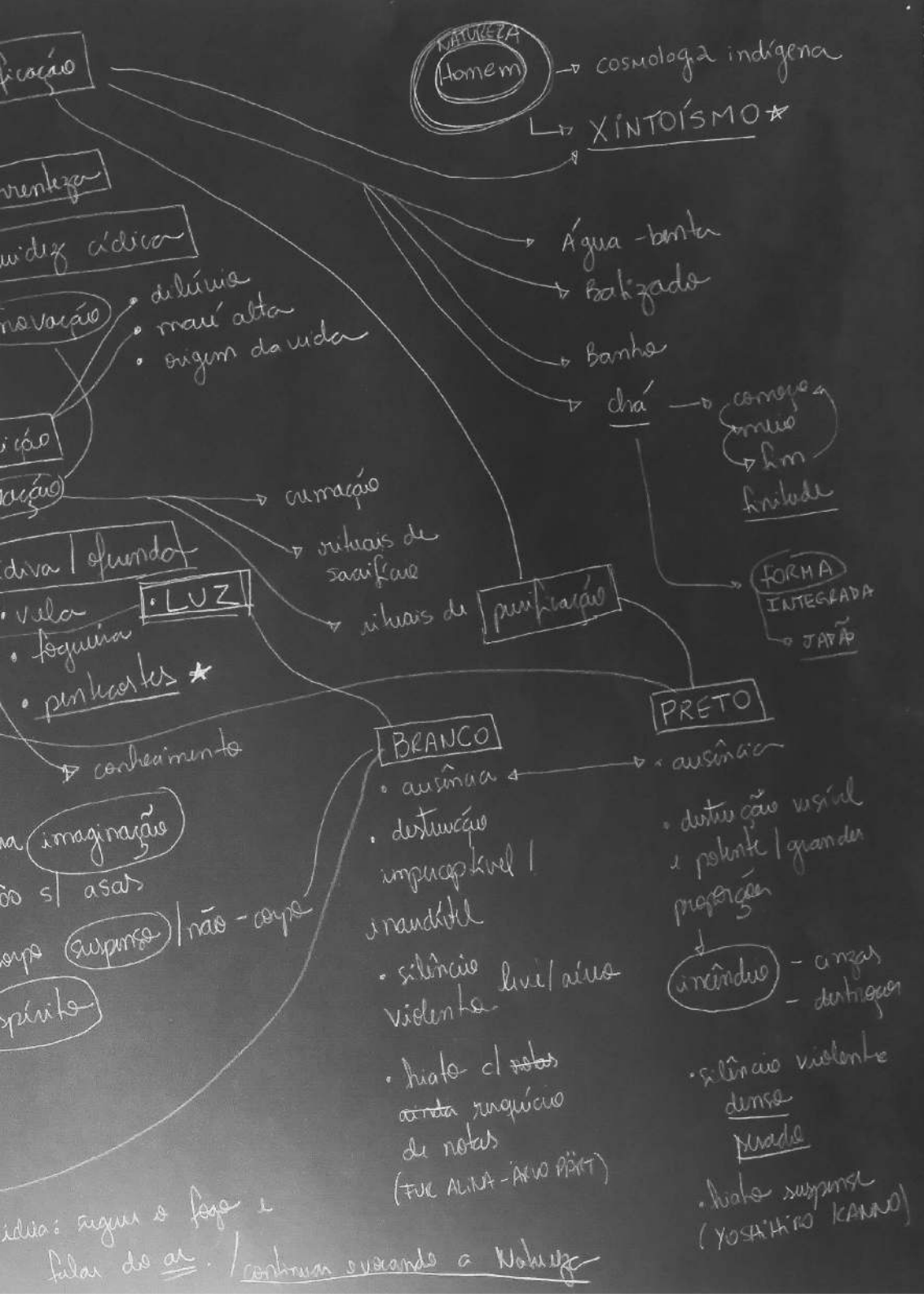
para imaginação

vão s / asar

corpo suspenso

espírito

idéia: seguir o  
falar do





TA  
RIM  
BA